

ECOS DO INFINITO

E se tudo o que conhecermos não for real?

Será loucura? Será devaneio?

João tem muito que pensar.... Arriskas a descobrir?

O começo da mudança

João acordou com o som do despertador, como fazia todos os dias às 7h. O quarto estava completamente escuro, mas ele não precisava de luz para realizar a sua rotina. Sabia exatamente onde estavam os objetos, como o café forte que preparava todas as manhãs ou a camisa enrugada que pegava e vestia sem pensar. Ele já não reparava na leve camada de pó sobre a mesa ou no quadro torto na parede. Isso era normal, a vida seguia sem grandes surpresas.

Ao sair de casa, João deparou-se com algo que não conseguia entender. O prédio onde morava parecia ligeiramente diferente, como se as paredes estivessem mais desgastadas. Ele franziu a testa, tentando encontrar uma explicação lógica para aquilo. - "Deve ser o cansaço", pensou.

Mas, à medida que olhava em volta, viu algo que o desorientou ainda mais: as árvores na rua, que estavam sempre no lado direito, agora pareciam estar no lado oposto. João parou, observou por um momento, mas logo seguiu seu caminho, tentando ignorar a sensação estranha.

No caminho para o trabalho, João entrou na pastelaria de sempre. A mulher ao balcão, que ele conhecia há anos, deu-lhe um sorriso. Mas não era um sorriso genuíno. Era como se ela o estivesse reconhecendo, mas ao mesmo tempo não fosse a mesma pessoa. Ele pensou que talvez estivesse apenas cansado demais para perceber as coisas corretamente, mas havia algo inusitado naquela troca que o fez hesitar por um segundo a mais do que deveria.

Enquanto caminhava para o trabalho, João não conseguia afastar a sensação de que algo estava errado.

Ele repetiu mentalmente: - "É só cansaço, só cansaço."

Mas as palavras pareciam vazias, sem sentido. Algo não fazia sentido, não batia certo, algo que ele não conseguia identificar. A rua parecia mais silenciosa, o som dos carros mais distante. Será que ele estava a começar a enlouquecer? Mas, então, um pensamento flash atravessou-lhe a mente: E se isto for real? E se tudo à sua volta estiver a mudar sem que ele perceba? Ele forçou-se a afastar o pensamento. "Não, não pode ser."

Ao chegar ao trabalho, João entrou no prédio e passou pelo corredor até ao elevador. O relógio na parede chamou a sua atenção de forma repentina. Ele olhava sempre para ele, marcando as 8h em ponto, o mesmo horário de entrada de sempre. Mas o que ele viu agora fez o seu estômago revirar. O relógio estava marcando 9h10min. Isso era impossível. Ele tinha olhado para o relógio apenas 10 minutos antes. O pânico começou a infiltrar-se nos seus pensamentos. Algo estava a acontecer, mas o que era?

João entra no escritório, mas, ao contrário dos outros dias, ele percebe que tudo parece ligeiramente fora do lugar. A luz do escritório, normalmente suave, agora está mais intensa, como se houvesse uma lente distorcendo a visão. Ele sente a leve sensação de ser observado, mas ao olhar em volta, todos estão afundados nas suas tarefas, sem sequer notar o desconforto que ele sente.

Ao passar pela recepção, João cumprimentou a recepcionista, Lúcia, mas ela demorou um pouco mais do que o habitual para responder, quase como se estivesse a ler uma lista mental antes de retribuir o cumprimento. Ele achou estranho, mas não disse nada. Na sua mesa, o ecrã do computador estava aberta num documento que ele não reconhecia. Os ícones estavam organizados de maneira diferente, como se alguém tivesse mexido no seu computador enquanto ele não estava lá.

- "Deve ser uma falha no sistema", pensou João, tentando não se deixar dominar pelo desconforto crescente.

João deu um rápido "bom dia" aos seus colegas, como fazia todos os dias. Mas algo parecia estranho. O sorriso de Cláudia, a sua colega de trabalho, parecia forçado, como se estivesse a tentar esconder algo. Ele tentou não pensar muito sobre isso, mas uma sensação inquietante começou a formar-se na sua mente. A luz do escritório estava mais intensa do que ele se lembrava, o som das teclas dos computadores mais abafado. Era como se o ambiente estivesse tentando esconder-se atrás de uma cortina de normalidade.

Ao encontrar Sérgio, um colega com quem ele falava sempre sobre futebol nas pausas, João foi cumprimentado com um "E então, viste o jogo ontem?". Mas a pergunta parecia fora de contexto, como se fosse uma repetição de uma conversa anterior que não se conseguia lembrar.

- "Jogo de ontem? Eu não...", ele hesitou, tentando-se lembrar se tinha visto algum jogo, mas a memória não vinha.

Sérgio, percebendo a demora, olhou para ele com um sorriso forçado.

- "Ah, claro, deves ter estado ocupado com o relatório." João parou para pensar, como se estivesse a tentar preencher um vazio de informações que não sabia onde procurar.

No café da manhã, João sentou-se com Filipe, o seu amigo de longa data. Eles conversavam sempre sobre futebol ou saídas à noite do Filipe mas hoje a conversa parecia deslocada, sem sentido. Filipe falou sobre um jogo recente que João não se lembrava ter assistido tal como Sérgio mencionou.

Quando João tentou responder, notou que não conseguia formar uma resposta coesa, como se as palavras escapassem da sua mente antes que ele pudesse completá-las. Filipe observou-o com uma expressão estranha e disse:

- "Andas meio desligado, passa-se alguma coisa? Estás bem?"

João apenas sorriu, tentando disfarçar o desconforto, mas no fundo, uma ponta de inquietação o fez perguntar: *"Será que ele se está referindo a algo que eu não percebi?"*

Resolveu voltar ao computador e dar uma vista de olhos no relatório estranho.

Ao abrir o ficheiro no computador, sentiu uma leve onda de estranheza. O relatório estava lá, mas algo estava errado. Havia uma secção inteira sobre um projeto que ele jurava não ter participado, uma reunião que ele não se recordava ter acontecido.

Ele leu e releu, mas não se conseguia lembrar de nada sobre aquele conteúdo. Tentou chamar o seu chefe para perguntar sobre as alterações, mas ele estava ocupado numa reunião e João não queria parecer confuso. Ele obrigou-se a continuar, mas a sensação de estar perdido no seu próprio trabalho era cada vez mais evidente.

João franziu a testa ao olhar para o gráfico no ecrã do computador.

Ele tinha a certeza de que tinha feito a análise no dia anterior, mas os números não se alinhavam, não batiam certo. O gráfico mostrava resultados completamente diferentes e ele não conseguia identificar o erro.

Tentou procurar as fórmulas nas suas cábulas, mas elas estavam todas modificadas. Estranhamente, o relatório estava mais detalhado do que ele se lembrava, mas também estava incoerente.

Ele abriu uma janela de chat com o seu chefe, mas a conversa estava parada num ponto onde ele jurava ter falado sobre outro assunto (que não se lembrava de ter acontecido) e não sobre o que ia falar ou sobre trabalho.

No intervalo para o café, João dirige-se à cozinha e vê uma mulher que ele não reconhece, mas que age como se estivesse à espera dele. Ela observa-o fixamente, como se tivesse algo importante para dizer. Quando ele se aproxima para perguntar quem ela é, ela simplesmente desaparece, como se nunca tivesse lá estado.

Na hora de almoço, levantou-se para apanhar algo para comer na cozinha. Quando passou pelo corredor, viu a mesma mulher que ele não reconheceu, mas ela olhou-o diretamente nos olhos. Era como se ela o estivesse esperando, novamente. Havia algo nos olhos dela que o fez parar por um momento. Ela sorriu, mas o sorriso parecia falso, como se estivesse a esconder algo tal como Cláudia.

João deu alguns passos na sua direção, mas ao olhar para o outro lado do corredor, a mulher simplesmente desapareceu novamente.

Não estava mais lá.

Ele olhou em volta, confuso, mas ninguém parecia ter notado. Será que ele tinha sonhado? Mas, naqueles segundos, ele sabia que tinha visto algo real.

Já eram 16h, mas João lembrava-se claramente de ter olhado para o relógio às 15h. E, no entanto, ele não sabia como tinha passado aquela última hora. Ele reviu as suas tarefas rapidamente, pensando o que tinha feito naquela hora, mas não havia uma linha clara de tempo. O que ele fizera nesse intervalo? Ele tentava-se concentrar, mas uma névoa pesada o impedia de recordar. Era como se tivesse vivido aquela hora de forma... descontinuada, sem sentido. O relógio parecia ter avançado de forma abrupta, como se ele tivesse perdido uma parte importante do dia sem sequer perceber. Voltou ao trabalho ignorando o relógio.

Quando olhou de novo para o relógio, marcava 18h. João levantou-se agarrando nas suas coisas de forma automática. O escritório estava ficando vazio, mas ele não sentia a mesma tranquilidade que sentia ao final de um dia normal. Ele observou as pessoas saindo, como se todas estivessem num ritmo diferente do seu, como se estivessem num filme em que ele não estava mais a entender.

Quando ele olhou para o ambiente ao seu redor, tudo parecia ligeiramente distorcido. O teto estava mais baixo, as paredes mais

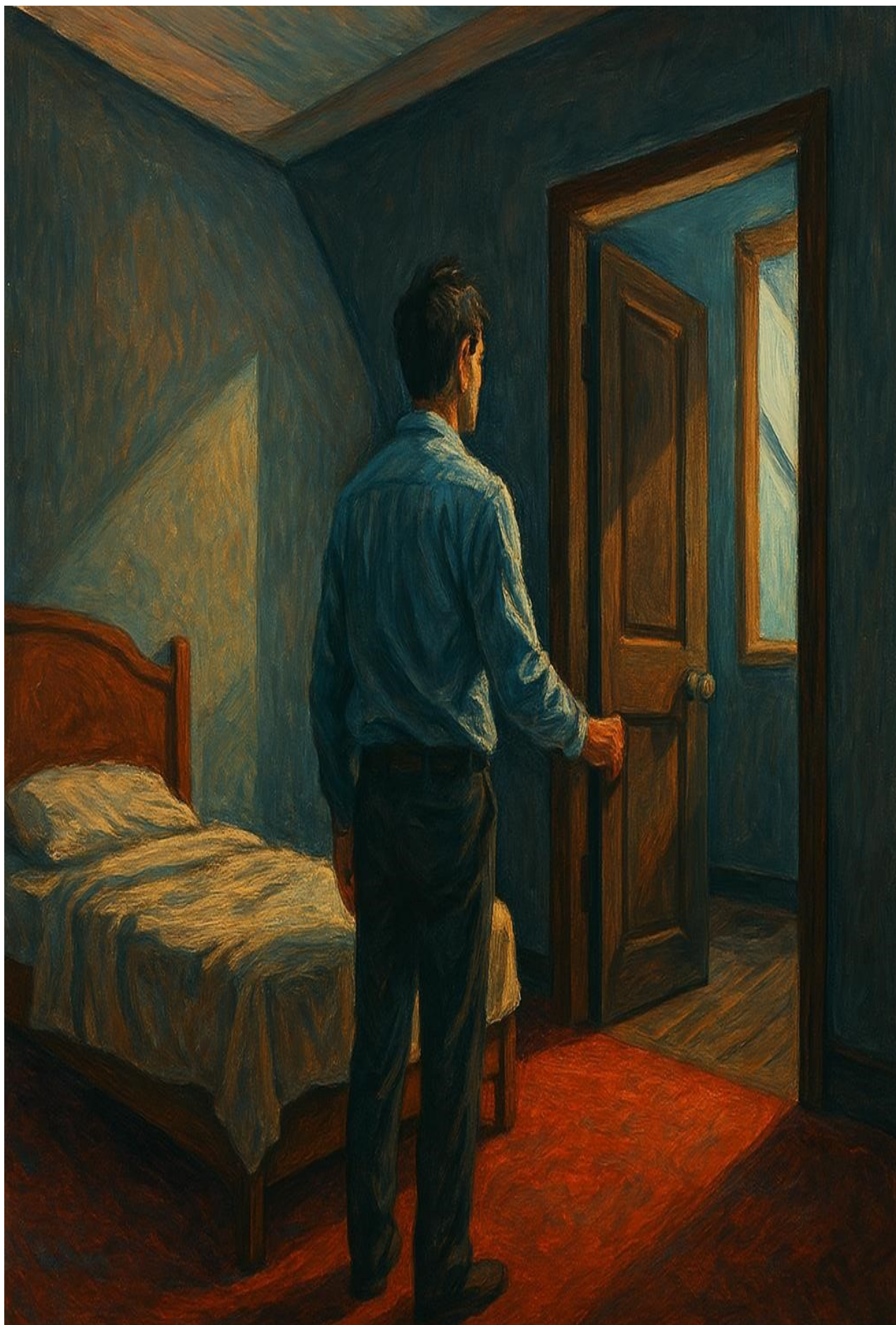
fechadas e a saída parecia estar cada vez mais longe. Ele saiu do prédio sem trocar mais nenhuma palavra com ninguém, sentindo-se deslocado, fora de contexto.

Não era apenas o trabalho que parecia estranho. Era o mundo. Ele sentia como se estivesse numa realidade que não era a sua, num lugar onde ele não sabia se ainda pertencia, numa realidade paralela.

Ao sair pela porta, o ar fresco da rua parecia não aliviar a tensão. Ele respirou fundo, mas não conseguia livrar-se da sensação de que algo estava terrivelmente errado, não conseguia sentir alívio por estar na rua de novo, de volta à normalidade.

A cidade, as pessoas, as situações... tudo parecia estar num loop, numa repetição contínua. Ele só não sabia como sair disto. Algo precisava mudar, e ele não sabia onde começar.

No caminho para casa, João olhava para as pessoas à sua volta, mas tudo parecia distante, como se ele estivesse vendo através de um nevoeiro intenso. Ele parou na esquina e, por um momento, observou a rua à sua frente, as casas e os prédios, como se nunca os tivesse visto antes. Tudo parecia... irreal. Como se ele fosse apenas uma sombra, um espectador na sua própria vida. João não sabia o que estava acontecendo, mas ele sabia que não seria capaz de voltar atrás.



A Busca pelo Comum

João acorda com a sensação de que algo está profundamente errado. Ele tenta convencer-se a si mesmo de que tudo não passa de um problema de saúde ou cansaço acumulado, mas essa explicação não consegue descartar a sensação persistente de que está perdendo o controlo sobre a sua própria vida.

O dia começa com uma normalidade aparente, mas ele sabe que algo está prestes a acontecer, sentindo-se mais confuso do que nunca. Ele tenta convencer-se de que o que aconteceu no dia anterior foi apenas um efeito do cansaço ou do "stress" do trabalho. Mas a sensação de estranheza persiste, e ele começa a duvidar da sua própria sanidade.

Ao acordar, João olhou para o relógio e percebeu que o dia estava começando como todos os outros. Mas, ao mesmo tempo, algo dentro dele sabia que não estava normal.

Ele tentou relembrar as pequenas distorções do dia anterior, como se elas fossem flashbacks de um pesadelo. Mas as lembranças estavam quase como que apagadas, como se ele estivesse a tentar segurar areia entre os dedos.

- *"Deve ser só cansaço"*, pensou. Mas a sua mente estava cheia de perguntas que não conseguia responder

João levantou-se da cama, e ao olhar para o espelho, ele viu-se diferente. Não fisicamente, mas algo no seu olhar estava mudado, como se tivesse mudado de lugar sem perceber. O reflexo parecia um eco, algo distante e desligado da sua própria imagem.

- *"Será que estou mesmo vendo isto?"* pensou.

Ele tocou no rosto, tentando sentir a textura da pele, a familiaridade. Mas o toque parecia estranho. Por um momento, a realidade parecia um filme, sendo apenas um espectador, parecia estar num filme.

O espelho refletia João, mas ele não parecia tão real. Ao olhar mais de perto, ele notou que os detalhes estavam ligeiramente diferentes, como se a sua própria imagem estivesse a desfazer.

Os seus olhos moveram-se de forma descontrolada, e ele não conseguiu focar neles. Ele piscou várias vezes, tentando corrigir a visão, mas nada mudava.

- "É só cansaço", disse para si mesmo, mas a voz que ouviu parecia vir de algum lugar longínquo.

O som estava abafado, como se fosse uma gravação.

- "*Não posso estar a enlouquecer*", pensou.

Mas a sensação de desorientação era inegável.

Ele tentou controlar a respiração, obrigando-se a lembrar dos factos do dia anterior, mas as memórias eram como pedaços de papel rasgado, impossíveis de juntar de volta. O tempo estava errado. Os minutos pareciam mais longos, mais curtos, sem lógica.

Ele olhou para o relógio: os ponteiros estavam parados, mas ao mesmo tempo, ele sentia que as horas estavam passando rapidamente. Quando ele olhou novamente, o relógio estava adiantado uma hora.

O prédio parecia idêntico ao de sempre, mas havia algo de errado na iluminação. As luzes fluorescentes piscavam suavemente, criando sombras que se moviam independentes.

Não pensou em mais nada e dirigiu-se para o trabalho, tentando encontrar algo familiar e normal que lhe tirasse a ideia de que estava a ter um esgotamento qualquer.

Quando ele entrou no elevador, o som das portas fechando-se foi diferente, mais abafado, como se estivessem longe dele. Olhou para os botões e o número 3 parecia estar a piscar, como se quisesse ser pressionado, mas quando ele olhou para baixo, o botão número 2 também estava piscando. Ele hesitou e, ao apertar o número 2, o elevador subiu até ao andar errado.

João entrou no corredor e a sensação de calor intensificou-se de repente. Mas não era o calor normal do escritório.

Era uma sensação de queimadura na pele, como se o ar tivesse ficado carregado e quente. Ele abaixou-se para apanhar uma caneta que tinha deixado cair no chão, mas ao tocar a madeira, a superfície parecia gelatinosa, como se o chão fosse feito de algo estranho, impossível.

Quando ele se levantou, sentiu um cheiro forte, algo que o lembrava de folhas queimadas, mas ninguém parecia notar ou comentar.

Ele olhou para os outros, mas eles continuavam a trabalhar normalmente, enquanto ele lutava para não respirar aquele cheiro forte que parecia preencher os seus pulmões.

João parou diante de um espelho na casa de banho em que ele tinha entrado, na esperança de sentir um cheiro diferente.

Ele queria lavar o rosto para tentar acordar, mas, ao olhar para o espelho, viu algo que o fez congelar. O seu reflexo estava agindo de maneira estranha. O seu rosto no reflexo sorria, mas ele não estava sorrindo. Ele sentia a tensão, a angústia, enquanto o reflexo parecia relaxado, quase contente e feliz.

Ele deu um passo para trás, e o reflexo imitou o movimento, mas num tempo diferente. Quando ele levantou a mão para tocar no rosto, o reflexo levou um tempo para reagir, como se estivesse mais lento. Ele piscou os olhos, e o reflexo ficou fixo, como se o tempo tivesse parado para ele, mas continuado para o seu reflexo. Ele teve a sensação de que não estava vendo a sua verdadeira imagem, mas sim uma versão de si que não correspondia à realidade.

- "Apenas cansaço João... Estás a precisar de descansar", pensou ele.

No trabalho, João tenta retomar a sua rotina, mas logo percebe que o

ambiente continua a apresentar pequenas anomalias. Ele começa a questionar-se, se as outras pessoas estão vendo o mesmo que ele vê, ou se ele é o único a notar estas mudanças subtis.

Ao chegar ao escritório, a primeira coisa que João percebe é a recepcionista Lúcia. Ela está sorrindo, mas é um sorriso vazio, sem a energia a que ele está habituado a ver. Ao passar por ela, questiona-se, se ela sempre foi assim ou se ele nunca tinha reparado. No caminho para a sua mesa, ele vê a mesma mulher do corredor do dia anterior, mas desta vez, ela não desaparece. Ela está apenas parada ali, olhando-o com uma expressão enigmática. João tenta ignorá-la, mas ela parece estar a segui-lo com os olhos.

Quando João se sentou na sua mesa, ele olhou em volta. Lúcia estava na recepção, como sempre, mas havia algo no jeito dela que o fazia sentir que ela não estava ali de verdade. Era como se ela estivesse apenas a desempenhar um papel. Ele tentou puxar conversa, mas as palavras que saíam da sua boca pareciam automáticas, como se fossem ditas por outra pessoa.

- "Bom dia, Lúcia", disse. Mas o tom dela não correspondeu ao seu. Ela respondeu com um simples "Bom dia", mas o olhar dela, quase vazio, deixou-o desconfortável. Era como se ela não o estivesse realmente a ver.

No corredor, ele encontrou Marco, o colega que falava sobre reuniões e campanhas, mas desta vez a conversa foi diferente. Marco falou como se tivessem tido uma reunião no dia anterior ou há dias atrás, mas João não se lembrava de nenhuma reunião.

- "João, que bom ver-te!" - disse Marco com um sorriso enorme. -
"Como está o progresso da campanha?"

João hesitou, tentando perceber do que falava Marco.

- "*A campanha? Eu... não me lembro de nenhuma campanha.*" O pensamento arrastou-se como uma dúvida.

- "Aquele da sexta-feira, claro", Marco continuou, sem notar a reação estranha de João.

- "Tens que me enviar aquele relatório, lembraste?"

Mas ele não se lembrava. Ele olhou para o Marco, e por um instante, o rosto de Marco parecia... não sei, mais velho. Como se o tempo tivesse passado de maneira diferente para ele. Mas isso não fazia sentido. Marco nunca envelheceria tão rápido num único dia. Ou seria possível? Ele já não sabia o que havia de pensar. Despediram-se, cada um voltando para o seu posto de trabalho.

Mais uma vez, João liga o computador e começa a trabalhar no mesmo relatório do dia anterior. Mas, desta vez, ele nota algo ainda mais perturbador. As palavras parecem ter sido rescritas enquanto ele não estava olhando. É como se o tempo se estivesse a distorcer enquanto ele não estava atento.

O título estava diferente, assim como as tabelas e os dados. Era como se o documento estivesse a reescrever-se à medida que ele olhava. Ele tentou escrever a primeira frase, mas o texto aparecia e desaparecia como se estivesse sendo apagado de uma outra dimensão. Desesperado, ele tentou guardar o documento, mas o botão de "guardar" não funcionava. Cada vez que ele tentava, o relatório mudava por completo, como se tivesse vida própria.

João inclinou-se sobre a mesa, tentando entender o relatório e o que se estava a passar em frente aos seus olhos. Leu as primeiras linhas novamente, mas as palavras dançavam diante dos seus olhos. "Venda projetada: 500 unidades." Ele olhou para o gráfico. As linhas estavam erradas. O número não fazia sentido. Não sabia de

onde vinham aqueles dados. Quando ele clicou para atualizar o ficheiro, os números desapareciam. Ele moveu o rato para fazer outra alteração, mas, quando olhou novamente, os números já estavam diferentes. O gráfico reorganizou-se num padrão que ele nunca tinha criado. Ele afastou-se do ecrã e esfregou os olhos.

- "Preciso parar de me focar nisto. Isto não é normal."

Mas, no seu peito, uma sensação crescente de pânico começava a ganhar forma.

A dada altura, ele percebeu que as palavras reorganizavam-se e reescreviam-se sozinhas no ecrã, formando frases que ele não tinha escrito.

- *"Estamos observando-te"*, uma frase apareceu, embora ele nunca tivesse colocado essas palavras no relatório. Ele olhou, mas ninguém parecia notar a mesma coisa. A mensagem desapareceu rapidamente, deixando-o desconfortável e sem explicação. O tempo parecia andar numa frequência diferente no escritório, com algumas horas passando mais rápido do que outras. Levanta-se e vai molhar a cara tentando acordar e perceber o que raio foi aquilo.

Mais uma vez, João encontra alguém no corredor que parece saber mais sobre ele do que deveria. Não se consegue lembrar do nome da pessoa, mas ela fala com ele como se fossem velhos amigos. Este encontro deixa-o ainda mais desorientado, e começa a questionar-se acerca da sua própria memória.

Durante o intervalo para o café, novamente encontra-se com a mulher que o tinha observado no dia anterior. Ela olha-o com uma expressão de quem sabe algo que ele não sabe, mas antes que ele possa perguntar, ela desaparece. A sensação de *déjà vu* é mais forte do que nunca.

João dirigiu-se para a cozinha para pegar num café, e lá estava ela novamente. A mulher que ele não se conseguia lembrar de onde a conhecia. Ela olhava fixamente, com um sorriso enigmático.

- "João, estás bem?", ela perguntou, e a sua voz parecia ecoar na sua mente de uma forma desconcertante. Ele tentou responder, mas as palavras falharam. Quando ele deu o primeiro passo para se aproximar, ela virou-se e desapareceu por entre as portas, como se nunca tivesse existido. Ele olhou ao redor, tentando entender o que estava a acontecer.

Mais ninguém parecia notar. Mas ele sentia que havia algo de profundo ali, algo que não podia ser ignorado.